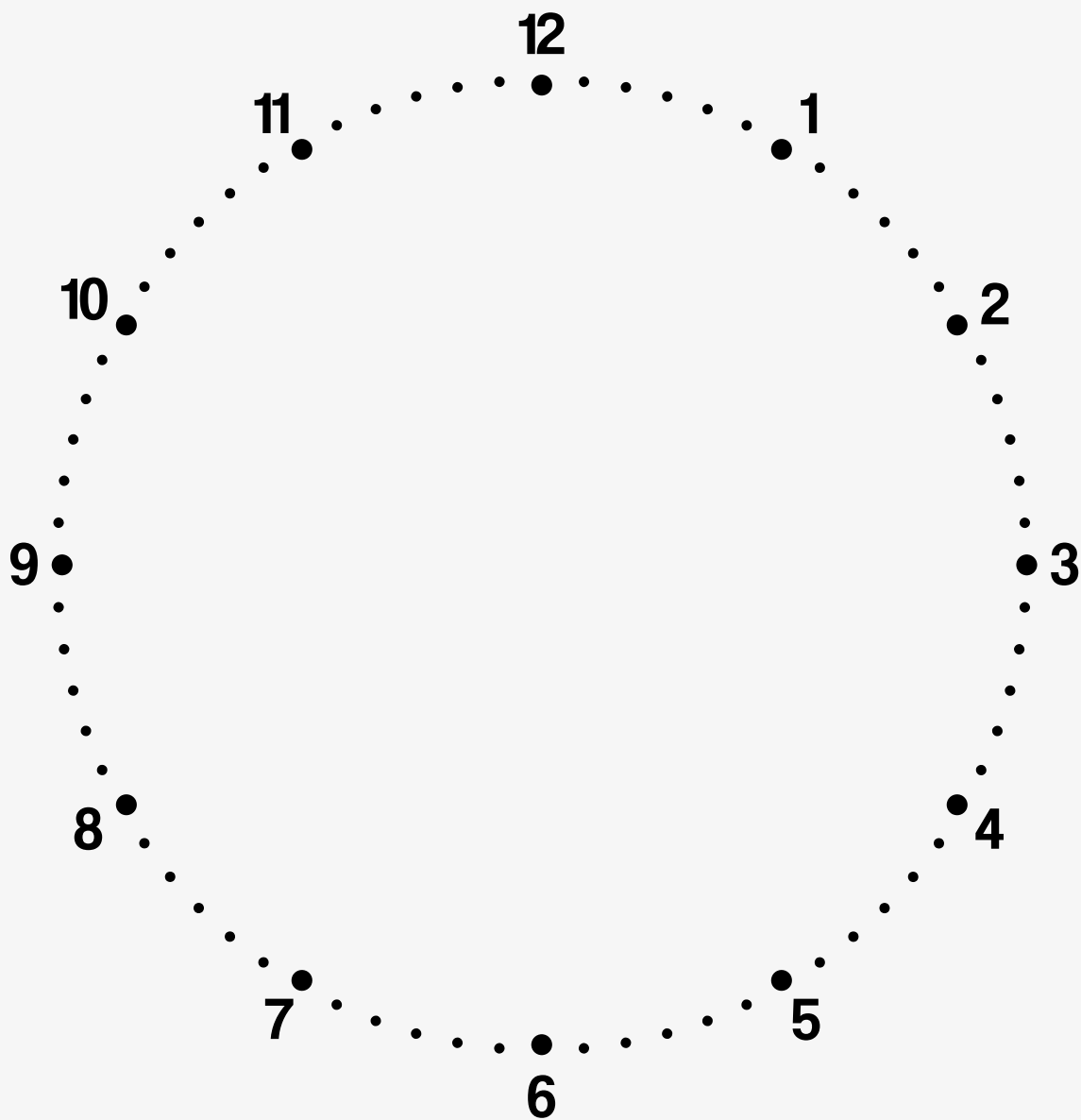


Anexo I

O que fazemos com o nosso tempo?

Vinte e quatro horas é o tempo de duração de um dia. Você já parou para pensar como vivemos essas 24 horas? No relógio abaixo, marque as atividades que você, ou a pessoa do seu núcleo familiar que você escolheu para tomar como referência, desempenha ao longo do dia.



Anexo II

Subsídios para o “Momento 3: Debate dirigido”

Trechos do livro *A luta que fez crescer e outras reflexões* (2022), de Lenira Carvalho.



Nessa minha vida na casa dos outros, custava-me muito viver com a falta de educação dos ricos. Parece que eles são mais educados, mas na verdade o comportamento e as atitudes deles eram de muita falta de educação. Não valorizam o trabalho da empregada, pelo jeito como eles se comportam na casa, deixando a bagunça para a gente. Ainda hoje é assim: desde que tenha muita empregada dentro de casa, o negócio é deixar tudo desmantelado. Eu varria tanto e, pouco depois, já estava tudo sujo de novo, de tanto jogarem papel e outras coisas no chão. Não adiantava reclamar, porque achavam que eu estava ali para fazer isso mesmo. Eu só tinha a revolta e a angústia. Encerava a casa toda de taco, sem enceradeira, com aquela coisa pesada que era o esfregão e, quando terminava, os meninos derramavam água e outras coisas. Eu pensava em nunca mais trabalhar em casa que tivesse criança. Elas eram quem mais sujavam as coisas, mesmo quando já estavam grandinhas. Os pais geralmente nem ligavam, porque achavam isso normal. Muitas vezes faziam do mesmo jeito que os filhos. Uma das meninas que eu tinha ajudado a criar, já grande, disse-me um dia: “Mas, Lenira, se tem empregada é isso mesmo e se a gente não desmanchar, você não terá serviço para fazer!”

Lenira Carvalho, *A luta que me fez crescer e outras reflexões*, 2022, páginas 60 e 61.

De 1950, quando comecei a trabalhar, com 14 anos, até hoje, muita coisa mudou. Sentimos que houve uma grande mudança no que se refere à conquista de direitos. O que não mudou foi a discriminação e a cultura que existe sobre o trabalho doméstico. Conquistar uma lei através de uma luta é possível, mas mudar a cultura não é tarefa fácil. Antes de 1988, a patroa pagava o salário mínimo apenas se quisesse; a relação era diferente. Havia uma relação complicada, muito misturada entre o trabalho e o afeto, entre duas mulheres, patroa e empregada. Uma relação que, muitas vezes, era vista como de bondade e afetividade. Essa afetividade que existia e existe ainda torna mais difícil a luta e a briga por direitos e o sentido de classe.

Lenira Carvalho, *A luta que me fez crescer e outras reflexões*, 2022, página 197.

No mundo capitalista em que vivemos, no qual a vida não tem valor – onde crescem os assassinatos, onde nos hospitais morre-se todos os dias por falta de atendimento –, quando um trabalho dá esse sentido de vida, esse sentido torna-se difícil de ser compreendido, não só pela discriminação sobre o trabalho doméstico, mas também pela cultura que desvaloriza a vida. Essa cultura naturaliza que este é um trabalho de mulher e o desvaloriza, porque realizado no privado. Então, essa é uma de nossas lutas: que o trabalho doméstico seja reconhecido como profissão e em seu valor social.

Lenira Carvalho, *A luta que me fez crescer e outras reflexões*, 2022, página 194.

Faço parte da categoria profissional das domésticas e, portanto, também desse imenso mundo de trabalhadores. Muitas vezes, porém, somos discriminadas por outras categorias. Hoje, muita gente fala da necessidade de se levar em conta as relações de gênero, mas nem todo mundo sabe o que significa ser mulher, fazer trabalho de mulher. Os homens, trabalhadores de outras categorias, não valorizam muito a nossa presença dentro da luta. Nossa categoria é composta, quase que totalmente, por mulheres. É composta por pessoas geralmente isoladas em cada casa. Raramente, temos uma colega trabalhando na mesma casa. Isso dificulta muito o trabalho de organização de nossa categoria. Não é como no trabalho no campo ou numa fábrica, onde as pessoas trabalham uma ao lado da outra e têm mais possibilidade de conversar sobre os seus problemas comuns. Mas, mesmo sem estar na produção agrícola nem industrial, o nosso trabalho também torna possível todas as outras profissões, porque a gente cuida de algumas coisas indispensáveis na vida de patrões e trabalhadores. A gente cuida do lugar onde as pessoas se alimentam, descansam e se preparam novamente para retornar ao seu trabalho. As centrais sindicais precisam reconhecer a importância de nossa presença no mundo do trabalho.

Lenira Carvalho, *A luta que me fez crescer e outras reflexões*, 2022, página 143.

Uma coisa também que dizem, e que é uma coisa que marca a doméstica, é que a gente não pode ter direito às coisas porque a gente não produz. Está certo que a gente, numa casa de família, não produz assim tecido como nas fábricas. A gente não produz coisas que vá dar dinheiro. Mas a gente produz dentro dessa sociedade. E foi isso que na medida que eu descobri, eu não me vejo mais uma doméstica isolada no meio do mundo, só com as minhas companheiras domésticas. Eu me vejo dentro de tudo! Até que me prove o contrário, eu participo com as minhas companheiras dentro dessa sociedade. Quando eu cozinho para esses caras que estão lá discutindo, para esses médicos, para esses engenheiros, para tudo, eu estou dando uma contribuição. E eu estou dando uma contribuição também, eu e as minhas companheiras, quando eu estou trabalhando dentro deste país. Eu estou fazendo alguma coisa porque, com tudo que eles querem nos marginalizar, a gente ainda luta para trabalhar, para sobreviver. Na medida que eu luto para sobreviver dentro do país, eu sou responsável e eles têm que ser responsável pela gente também. E isso é que não existe, isso é que é marca.

Lenira Carvalho, *A luta que me fez crescer e outras reflexões*, 2022, página 149.

Tem muitas patroas que dizem assim para a gente, lá na Associação: “Vocês têm vergonha de ser doméstica. E a gente também é doméstica”. Aí a gente responde: “Minha senhora... A doméstica no caso da gente é empregada. Empregada doméstica. É muito diferente ser doméstica da própria casa e ser empregada doméstica”. E o pior é que o trabalho da empregada doméstica não é nem reconhecido como profissão. A gente é conhecida como “faz tudo”.

Lenira Carvalho, *A luta que me fez crescer e outras reflexões*, 2022, página 115.

